CONSTRUINDO A ALEGRIA DE LER

José Hélder Pinheiro Alves[*]

A escola deveria ser um local de alegria para os alunos e também para os professores. Na realidade eu me ocuparei quase que somente dos alunos; contudo privilegiar a alegria dos alunos já seria contribuir bastante com os professores.
Georges Synders (1)

Inúmeras vezes, em cursos de literatura infantil e juvenil, pequenos seminários de literatura ou rápidos encontros com professores de português, somos inquiridos sobre o "como fazer" ou o "que fazer" com o texto literário em sala de aula. Estas duas perguntas se tornam mais dramáticas quando o texto a que se referem é um poema.

A debilidade de nossa formação metodológica, aliada a um conhecimento reduzidíssimo de obras literárias, torna o ensino da literatura uma tarefa problemática, cheia de vícios, lacunas e, consequentemente, enfastiante para alunos e professores.

O campo da "teoria da literatura infantil" tem contribuído com reflexões e pesquisas que muito auxiliam na formação do professor de literatura. Muitas vezes, baseados nessas leituras, temos até uma noção do "que fazer" e, sobretudo, do que não fazer. Quanto ao "como fazer", parece-nos que o medo de "criar receitas" tem inibido a publicação de virtuais experiências significativas. Esquecemos, talvez, que todos os professores, de uma forma ou de outra, iniciamos nossas aulas mirando-nos em determinados professores que tivemos e repetindo determinados procedimentos didáticos. Quase sempre, portanto, imitamos ou recriamos a experiência alheia. É neste movimento (imitação x recriação) que vamos enriquecendo nossa formação, ampliando o que aprendemos, nos surpreendendo com alguns fracassos e até criando novos modos - ou dando novas tonalidades - de conduzir a experiência com texto literário em sala de aula.

Sempre me agradou ouvir e ler sobre o modo como outras pessoas estão trabalhando - saber das dificuldades, dos acertos, das reações dos alunos. A vivência alheia pode nos ser útil no sentido de nos dar uma base concreta, palpável, que nos guie sobretudo quando estamos nos iniciando no magistério.

Leio com satisfação o rico trabalho da professora Vânia Maria Resende, **Literatura Infantil & Juvenil: Vivências de Leitura e Expressão Criadora**.(2) O livro, dividido em três partes, é assim apresentado pela própria autora: Parte I: "demarca uma reflexão voltada sobretudo ao conceito de leitura;" Parte II: "Reunem-se aqui relatos de vivências criativas variadas, envolvendo textos

[*] Professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na UFPB-Campus II

literários e outras linguagens (folclore, teatro, histórias quadrinizadas, música, etc) numa relação com a linguagem literária." Parte III: "encerra aspectos teóricos, que tratam de uma fundamentação em termos de conceitos, análises, referências que passam pela ficção, poesia, teatro, histórias em quadrinhos e leitura de um modo geral."

Quero elucidar, de forma concisa, alguns valores que encontro neste livro. Chama a atenção, de maneira geral, a quantidade e a qualidade das experiências relatadas. São experiências realizadas em turmas de pré-escola, 1º e 2º graus, com alunos de diferentes poder aquisitivo.

O segundo valor está na diversidade de gêneros literários de que lança mão, construindo um diálogo fecundo com outras linguagens artísticas, como a autora já nos apontou.

Nesta obra o leitor encontrará um verdadeiro tesouro de relato de experiências com a poesia. Detenho-me nesta constatação porque, em geral, as experiências com poesia são limitadas - tanto em quantidade quanto em qualidade. Os professores têm inúmeras dificuldades de trabalhar com poemas. No livro de Vânia, além das várias referências à poesia no corpo da obra, um item na parte II denominado "A poesia no 1º e 2º graus" e outro na parte III: "Apreciação poética: sintonizar-se para fruir". Este último item, apenas para se ter uma idéia, conta cerca de 20 ricas sugestões de abordagem apreciativa do poema em sala de aula.

A mesclagem de textos é outro valor do trabalho: encontramos poemas concretistas, literatura de cordel, poesia intencionalmente feita para crianças, autores como Oswlad de Andrade, tido por muitos com inacessível pelo caráter vanguardista de sua poesia, entre outros tantos.

A diversidade de métodos de abordagem é outro valor da obra. A autora não se detém no tradicional "estudo de texto" (que tem também seu valor) ou na "compreensão de textos". Recursos como dramatizações, adaptações, recriação, invenção a partir do que foi lido, ilustração, debate, criação coletiva, entre outros, perpassam todos os relatos. A música, tão esquecida na escola, recebe aqui tratamento relevante.

Outro valor a ser apontado é o volume de obras literárias com que a autora trabalha, revelando um conhecimento espantoso de nossa produção infantil e juvenil. Temos aqui numa fonte de acesso a obras que sequer sabíamos que existia. Nesta diversidade, há, dentre as que conheço, algumas com que não trabalharia, mas que tocadas pela autora, revelam valores que justificam sua inclusão.

Aponto mais dois valores do livro de Vânia, sobretudo se comparado aos livros didáticos: quando se trata de trabalho com a ficção, a autora não utiliza fragmentos de obras. Elas são lidas na sua totalidade, conforme deduzimos da leitura dos relatos. A riqueza de documentação das experiências é outro valor. Vânia diz como fez e mostra os resultados.

O último, e talvez o mais significativo valor deste livro, é o diálogo essencial e constante entre teoria e prática. As introduções às partes e aos diversos itens revelam que para a autora reflexão e prática andam de mãos dadas. Isto, com certeza, é imprescindível para que o trabalho avance.

Agora quero armar uma ponte entre o que foi dito e o título e epígrafe deste texto. Ó que salta aos olhos no trabalho de Vânia é que a experiência com o texto literário não se faz de modo fatigante, empurrado por imposições curriculares fechadas, ou seja, sua perspectiva é a da leitura como construção de sentidos e, portanto, como uma experiência alegre de descoberta e enriquecimento interior. Alegria partilhada entre alunos, professores e escola, num tripé equilibrado. Um professor, que colhe da experiência de leitura com seus alunos momentos de alegria , é profissional que encontra estímulo para prosseguir, apesar das inúmeras e conhecidas adversidades. A alegria nasce do esforço, do trabalho árduo, da coragem de experimentar.

A mera repetição do que foi feito, sem o toque pessoal, sem o esforço de superação, sem a vontade de forjar um caminho minimamente pessoal, redundará, logo logo em fastio, em repetição mecânica. É necessário sempre aprender com a experiência alheia, mas é preciso torná-la nossa também, algo feito com paixão e entusiasmos. E para tanto é preciso, também, crer que:

"Os adultos têm o que ensinar aos jovens, como ordenar seus sonhos, dominar seus sonhos (o que não significa de modo algum renunciar a eles), ir além de sua história pessoal e das tentações nascidas do nascisismo, esforçando-se para ser objetivos."(3)

NOTAS:

1. SNYDRS, Georges. Alunos Felizes: Reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários. (Tradução: Cátia Aida P. da Silva) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.
2. O livro é editado pela Ed. Saraiva. Pedidos: Av. Marquês de São Vicente, 1697 Barra Funda: São Paulo.
3. SNYDRS, p.